

O HIPERTEXTO E SEUS LABIRINTOS NA ERA DIGITAL

Eloiza da Silva Gomes de Oliveira –
Universidade do Estado do RJ – UERJ
eloizagomes@hotmail.com

Gabriela Gomes da Silva Costa
Pontifícia Universidade Católica do RJ - PUC
ggcosta@gmail.com

Renata Gomes da Silva
Universidade do Estado do RJ – UERJ
ataners@gmail.com

RESUMO ESTENDIDO

Resumo

O Hipertexto e seus labirintos na Era Digital tem como proposta investigar os caminhos que a leitura pode assumir frente à mediação das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs). A pesquisa realizada tem por base o levantamento bibliográfico e a aplicação de questionários a grupo de professores da rede pública do Estado do Rio de Janeiro. Na atualidade, o termo hipertexto está diretamente associado às mídias digitais. Entretanto, a manifestação deste fenômeno é bem anterior e consta em registros dos séculos XVI e XVII reproduzidos em manuscritos e nas chamadas marginalias. O conceito reporta à idéia da superação da linearidade do texto, ou seja, de sua forma não hierarquizada, e tem sua primeira descrição, em 1945, formalizada no ensaio de Vannevar Bush, “As We May Think”, que eleva o hipertexto a um grau mais alto de intertextualidade, estabelecendo uma intensa relação entre leitura e cognição. A pergunta que perpassa todo o texto é o que muda em nossa leitura por meio do hipertexto na interface digital. Seria a leitura hipertextual, ou a “hiperleitura”, uma nova relação com o saber ou uma superficialização da leitura?

Palavras-chave

Cognição; Hipertexto; Leitura; Novas Tecnologias da Informação e Comunicação, Intertextualidade e “Hiperleitura”.

Apresentação

É inegável a infinidade de transformações ocorridas na Sociedade da Informação e do Conhecimento da qual fazemos parte. E a maior marca desta era é sem dúvida a inserção das novas tecnologias, que alteram de forma acelerada as relações interpessoais, com o mundo e com o saber. Não há escolha: ou assimilamos, e tentamos nos adaptar às constantes mudanças, ou somos devorados por elas e ficamos à margem. Muitas são as pessoas que ainda resistem aos avanços tecnológicos por associarem a existência de muitos males presentes em nossa geração ao advento da internet. O estranhamento é de certa forma uma tentativa de se proteger de todas as “impurezas” que esta tal cibercultura poderia provocar ao status quo. Por outro lado, a adesão às NTICs é crescente, seja por fetiche à tecnologia seja por reconhecer nessas ferramentas facilitadores do cotidiano, que se adéquam com grande similaridade à forma como pensamos, portanto, à dinâmica da nossa mente.

Os constantes avanços da tecnologia, que conquistou seu ápice na geração internet, a dos nativos digitais, vão continuar por gerações alterando as relações do homem com o mundo, visto que este é um caminho sem volta.

Desenvolvimento

A forma como somos atropelados pela aceleração tecnológica e introjetados nela, por vezes, nos enreda a pensar que alguns conceitos nasceram nesta sociedade. É o que acontece com o hipertexto, um conceito antigo que, ao se apropriar das novas tecnologias, resulta em uma ideia totalmente ampliada de intertextualidade, sofrendo adaptações da era digital.

Desde o surgimento da escrita, representada por seus hieróglifos, ideogramas e fonemas, já existia a ideia do hipertexto. Deste período de “origem” que se estende até a revolução da imprensa, há fatos que demonstram de forma gradativa uma ampliação do conceito.

Nos séculos XVI e XVII, o conceito de hipertexto já se fazia presente nas chamadas marginalias, que consistiam em anotações feitas nas margens das páginas dos livros pelos leitores da época. Esses escritos eram índices pessoais, citações de textos, remissões a outras partes ou a outros

textos, que posteriormente eram transcritos das margens das páginas para um lugar comum, onde poderiam ser consultados. Ainda no começo da formação do conceito, há também a criação da Roda de Leitura que, similar a uma roda gigante, dispunha vários livros para consulta simultânea. Hoje, na era digital, temos a possibilidade de circular em vários documentos pela abertura de janelas, que podem ser simultaneamente consultadas. Como se pode ver, já naquela época, havia o conceito de compartilhamento da informação, e este princípio da coletividade mantém-se presente na concepção atual de hipertexto.

Já no século XVIII, temos um exemplo clássico da evolução do hipertexto pela publicação rapsódica da obra *As mil e uma noites*, que utiliza de forma consistente links em um mesmo documento. A obra é composta por 12 volumes e apresenta um encadeamento contínuo de histórias, ou seja, uma história que contém outra história que, por sua vez, contém outra história e assim por diante.

Metodologia de Pesquisa

A partir de levantamento bibliográfico foi elaborado e testado um questionário, em conjunto com a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e desenvolvidas entrevistas com diversos grupos de professores da rede pública do Estado do Rio de Janeiro. Após a divulgação dos resultados pretendemos desenvolver ações de Educação Continuada docente com o apoio da tecnologia de informação e comunicação. Acreditamos que a Educação Continuada Docente é indispensável, não pela antiga e inócua discussão da deficiência de qualidade da formação inicial recebida, mas pela sua indispensabilidade para a adaptação ao universo profissional e ao acelerado surgimento de inovações teóricas e metodológicas. As entrevistas foram gravadas e transcritas, aplicando-se ao discurso dos professores um procedimento simples de análise de conteúdo.

Resultados Preliminares Alcançados pela Pesquisa

Os resultados iniciais apontados nesta pesquisa de que os alunos leem mais na internet já apresentam a relação intrínseca entre leitura e tecnologias. Neste sentido, a análise do hipertexto e seus desdobramentos para a geração atual nos auxiliam na reflexão de práticas docentes que culminem na formação de leitores. É certo que a este tema associam-se muitos outros que não foram aprofundados nesta pesquisa. Inicialmente, já havíamos dito que não trataríamos das mazelas da globalização, entretanto é difícil não pensar no assunto de exclusão digital, já que

vivenciamos o contexto brasileiro. Esta é uma das tags que circula em letras garrafais com frequência nesta nuvem. A exclusão digital, segundo os últimos relatórios do Comitê Gestor da Internet no Brasil, acompanha no mesmo nível a exclusão social no país, e daí novas tags aparecem: analfabetos, analfabetos funcionais – como bem aponta a pesquisa no resultado “não compreendem o que leem”, analfabetos digitais, e uma após a outra. Contudo, apesar de todas as discrepâncias sociais nas quais estamos imersos, não podemos deixar de pensar nessa nova realidade de leitura, ou seja, da hiperleitura, e apontar para a necessidade de estudos sobre os processos cognitivos que envolvem os leitores da web, de práticas pedagógicas que se empenhem no desafio de se formar leitores nesta geração digital e a tantas outras questões que tratam a adequação do texto literário às novas mídias. Acreditamos que não (re)pensar todas as novas relações sociais advindas desse boom tecnológico, fará com que vivamos sob o verniz da modernidade, escamoteando uma realidade que urge para ser desvelada. E o pior, sem tirarmos proveito do que há de melhor nas tecnologias.

Referências

- AQUINO, Maria Clara. **O Hipertexto como Estrutura Editorial Básica da Internet: Construção Coletiva e Interatividade na Escrita Hipertextual**. 2004.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BUSH, Vannevar. As we may think. Atlantic Monthly, n. 1, p.101-108, July 1945. Disponível em: <http://www.ps.unisb.de/~duchier/pub/vbush/vbushall.shtml>].
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- COMPAGNON, Antoine. **O trabalho da Citação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- HOBSBAWN, Eric. **Globalização, Democracia e Terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FRIEDMAN, Thomas L. **O mundo é plano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na área da informática.** São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. **A inteligência coletiva.** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 2000.

LIMA, Maria Alice D. da S. **Análise de conteúdo: estudo e aplicação.** Revista Logos 1993; (1), p. 53-58.

PALACIOS, MARCOS. **Jornalismo literatura: Combinando pesquisas com experiências didáticas.** In: Revista Texto digital. Ano 2 n.1 2006. Disponível em <http://www.textodigital.ufsc.br/num02/palacios.htm>.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. **Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia.** In: VII Seminário Internacional da Comunicação 2003, Porto Alegre, Anais. Porto Alegre, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço. O perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulo: 2004.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital.** Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

XAVIER, A.C. Hipertexto: novo paradigma textual? In: Investigações: Lingüística e Teoria Literária, Vol. 12 pp. 177-192. Recife: Editora da UFPE, 2000.

Teoria Literária, Vol. 12 pp. 177-192. Recife: Editora da UFPE, 2000.